TESTEMUNHAS DE UM ENCONTRO

dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas

2011

Anno LVIII Mensile

n. 3/4 Marzo/Aprile

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art. 1, comma 2 - DCB Roma

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
E-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável
Mariagrazia Curti

Redação
Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras
Tonny Aldana • Julia Arciniegas • Mara Borsi • Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello • Anna Condò Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein • Laura Gaeta • Bruna Grassini • Maria Pia Giudici Palma Lionetti • Anna Mariani • Adriana Nepi • Louise Passero • Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez Paola Pignatelli • Lucia M. Roces • Maria Rossi • Bernadette Sangma • Martha Séïde

Tradutoras
francês – Anne Marie Baud
japonês - inspetoria japonesa
inglês - Louise Passero
polonês - Janina Stankiewicz
português – Maria Aparecida Nunes
espanhol - Amparo Contreras Alvarez
alemão - inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano, 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 do 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filial de Roma – n. 1/2 janeiro-fevereiro de 2010 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Tradução do original para a Língua Portuguesa

3-4/março-abril/2011

SUMÁRIO

EDITORIAL	**Ficar com...**	**04**
DOSSIÊ	**Testemunhas de um encontro**	**05**

Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos

PASSO A PASSO	**A arte do acompanhamento em São Francisco de Sales**	**09**
RAÍZES DO FUTURO	**Ver Deus no rosto de todos os jovem**	**11**
AMOR E JUSTIÇA	**"Vós lhes destes de comer"**	**12**
FIO DE ARIADNE	**Vocação**	**14**

Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

CULTURAS	**24 sobre 24 horas**	**17**
PASTORALMENTE	**A autoridade na relação educativa**	**19**
MULHERES NO CONTEXTO	**Mulheres em diálogo**	**20**
NOSSA TERRA	**Disponíveis para a agricultura**	**22**
TESTEMUNHAS DIGITAIS	**Qual humanismo na cultura digital?**	**22**

Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia

DE PESSOA PARA PESSOA	**Pontes de ondas radiofônicas**	**24**
VÍDEO	**Bem-vindos ao Sul**	**25**
ESTANTE	**Resenha de vídeos e livros**	**27**
LIVRO	**As Irmãs**	**29**
CARTA DE UMA AMIGA	.....	**30**

EDITORIAL

Ficar com...

Giuseppina Teruggi

"Quando faço uma experiência forte de diálogo na oração, sobretudo na Eucaristia, sinto uma força renovada para dialogar e encontrar com bondade e abertura as pessoas com as quais convivo", dizia-me uma irmã há alguns dias atrás. O Encontro em profundidade – todas nós somos convictas disso – está na raiz de cada relação interpessoal, é a premissa, a condição para o encontro verdadeiro com as pessoas. Em vários níveis.

No plano educativo: onde muitas vezes o preço de um encontro que ajuda a crescer implica também saber tomar decisões emocionalmente difíceis, quando um bem maior o requer. O encontro faz-se aproximação, acolhida, escuta, firmeza, hospitalidade.

No plano intercultural e inter-religioso: onde o diálogo é o caminho para curar as lacerações de um "mundo dilacerado".

Diante da natureza: em uma relação de respeito, com mais recursos, incluindo a manutenção de uma 'agricultura sustentável'.

No plano virtual: um espaço de relação, cada vez mais ocupado principalmente pelos jovens. Este espaço, todavia, não deve diminuir a relação humana.

O encontro verdadeiro, não tem necessidade de muitas palavras. Há um diálogo da vida que se exprime na ação em conjunto, na comunhão dos gestos, na fecundidade do sinal. Nós temos a certeza de que é encontro autêntico se se alimenta no Encontro profundo com Aquele que dá sentido a todos os outros encontros.

Ir. Maria Pia Giudici diz isso em forma poética, num texto de 2 de fevereiro passado. Ela o intitulou *Ficar.*

"Ficar com Você/ como o ramo com a videira
e na videira.
Ficar com Você/ como o pequeno rebento
com sua grande árvore.
Ficar com Você/ como o topo da árvore com
o ar azul,
como suas raízes com a terra
que alimenta.
Ficar com Você/ como a amada com Aquele
que a ama.
Ficar com Você/ no primado
da contemplação desembaraçando-se
de supostas urgências de barulho.
Ficar com Você
aprendendo o profundo silêncio do coração
onde sua Palavra
tem espaço e voz
para ser comunicada.
Ficar com Você,
ó Fonte da vida,
para que a Palavra límpida jorre em nós
e de nós escorra
preencha de Amor Novo
e atinja o coração dos jovens.
Ó Mestre Esposo Senhor,
ficar com Você
é o segredo que salva
o futuro do mundo".

gteruggi@cgfma.org

DOSSIÊ

Testemunhas de um encontro

Emilia Di Massimo, Giuseppina Teruggi

Um estudioso da realidade do encontro, Ferdinand Ebner, demonstrou que a relação eu-tu transforma-se em "encontro" só e unicamente em um contexto de amor.
Maria Spólnick fma, que havia aprofundado o seu pensamento, revelou: "Para que uma pessoa encontre a outra no profundo do seu ser, ambas devem converter-se, todos os dias, uma frente à outra. Devem ousar atos de amor recíproco. [...] Para que alguém possa dirigir-se ao outro como a um tu, deve primeiro ser interpelado por alguém em uma relação pessoal-comunitária. [...] O nosso amor consiste no fato de que fomos amados por primeiro" (1 Jo 4,10).
("O encontro é a relação correta" LAS, Roma, 2004)

A dinâmica do Encontro

O Encontro, que está na raiz de cada relacionamento interpessoal, tem a sua gênese no Amor que Deus derramou em nossos corações, com o qual preencheu nossa existência.

Isso se torna paradigma e modelo para cada encontro.

"Deus só pode amar" repetia o irmão Roger, prior de Taizé, convicto de que Deus cuida de cada ser humano com infinita ternura e profunda compaixão. "Quando entendemos que Deus ama até o mais abandonado dos seres humanos, nosso coração se abre aos outros, ficamos mais atentos à dignidade de cada pessoa".

À luz da Palavra e da boa notícia comunicada por Jesus, acreditamos que o Amor é a própria natureza de Deus, que "nos amou por primeiro". Isso provoca uma resposta que só pode ficar na mesma linha: um encontro no amor. O Amor, então, faz-se Encontro e se concretiza nos encontros com cada criatura amada por Deus. Quando uma pessoa descobre que é amada, nela dispara a mola da vida, da felicidade e a vontade de abrir-se ao relacionamento.

É interessante a experiência relatada por Bruno Ferrero, que conta a história de uma jovem mergulhada numa profunda frustração por não se sentir amada. Desde a infância experimentara a amargura da rejeição, pela impressão que tinha de não ter sido desejada pelos pais que, sistematicamente, preferiam seu irmão e sua irmã, como se ela não existisse. Convenceu-se assim de que estava sobrando, que incomodava e que não era bem-vinda em lugar algum. Ela convivia com esse profundo desconforto e se sentia permanentemente ferida. Ela mesma narra: "Na escola, todos tinham amigos, menos eu. Tinha a impressão de que nenhum homem chegaria a me amar. Certo dia (estava numa floresta), sentada aos pés de uma árvore fui imediatamente tomada pela *certeza de que Deus me amava".* A certeza de ser amada por Deus é a motivação que desencadeia a necessidade de amá-lo, de amar os outros, de abrir-se ao encontro, para além das feridas, para além de toda frustração.

O primado do Amor

A pessoa é um mistério caracterizado principalmente por um desejo imenso de amar e ser amada. Dentre todas as nossas qualidades, é o amor que nos indica com maior certeza a vida superior que está latente em nós. O primado do amor sempre foi celebrado por relatos e mitos nas mais antigas civilizações. Na mitologia grega do labirinto de Creta há um dom mágico que permite à princesa Ariadne salvar a vida de Teseo, o príncipe ateniense do qual está enamorada. Este dom é um novelo de fio dourado que lhe deu Dédalo, o inventor do labirinto, com as instruções: deve passá-lo a Teseo, que o desenrolará pouco a pouco até chegar ao centro do labirinto. Lá deverá derrotar o terrível Minotauro, depois voltar sobre os seus passos seguindo o fio, até tornar a abraçar Ariadne. Este novelo passou para a história como o "fio condutor" por excelência. Ao que parece, os antigos autores do mito queriam dizer que o amor é o *fio de Ariadne* que guia através

do labirinto da vida, e que esse fio é uma espécie de "indício" de uma Existência superior. O amor então é o constante indicador da vida maior, da qual sentimos o apelo, e tal verdade caracteriza cada ser humano, independentemente do seu credo.

Na obra "O pequeno livro do amor", Jacob Needleman cita Kierkegaard ao afirmar que "o poder de amar voluntariamente outro ser humano nos é dado apenas como resultado da nossa capacidade de abrir-nos ao Ser Superior (o Deus eterno) dentro e acima de nós... É um grave erro imaginar-nos podendo amar voluntariamente outra pessoa sem ao mesmo tempo amar o Ser Superior dentro e acima de nós mesmos".

A experiência de amor é, antes de tudo, experiência de amor passivo: um amor que nos precede, o amor de Alguém que nos "alicerça", um amor gratuito. "Eu sou" na medida em que me sinto amada por Deus e, somente se conheci pela experiência esse amor gerador e curador, é que poderei ser, por minha vez, capaz de amar.

As pessoas chamadas à vida consagrada vivem o amor de Jesus antes de tudo como um fato personalíssimo: ele nasce da "presença" de Cristo crucificado e ressuscitado no coração, e de uma "forte tomada de consciência" dessa realidade por parte do consagrado. Isso gera relações profundas entre as pessoas. Cristo crucificado e ressuscitado não é alguma coisa mas Alguém. Não é um personagem do passado, mas uma pessoa viva, presente, aqui e agora!. O Encontro com Ele faz-se habitual no cotidiano e se concretiza necessariamente ao abrir-se a muitos outros encontros.

Comprometo-me a...

Jesus está aqui, está vivo. Mas como viver continuamente na Sua Presença, como fazer da vida uma *perene liturgia de louvor?* (Const. 48). Como prolongar no tempo e testemunhar que verdadeiramente nós o encontramos?

Uma sugestão é obrigar-se a quebrar o ritmo frenético das jornadas e, ao longo do dia, ser fieis aos momentos nos quais parar e encontrar, encontrar o Amado do coração, encontrar-se, encontrar o próximo, também porque é certo que "pretender que a oração seja inútil é o mesmo que afirmar que se pode chegar a qualquer lugar sem precisar caminhar" (Tomás de Aquino).

Dar fielmente o seu tempo a Deus, todos os dias, para além daquilo que sentimos ou não sentimos. A oração é luz, vigor, conforto. Quanto mais envolvidas pelo trabalho, tanto mais é essencial encontrar espaços de oração, se não em extensão ao menos em profundidade. Todas nós estamos convencidas disso, mas às vezes pode surgir a pergunta: "Por que rezar?". Os grandes mestres de espírito, simplesmente, respondem: "Para viver". Para viver é necessário rezar, conseguir rezar continuamente, porque é a oração que ensina a amar. Apenas quem ama vive verdadeiramente e somente ama quem se sente amado, tocado e transformado pelo amor. O amor nasce do encontro e vive do encontro com o amor de Deus, o maior e mais verdadeiro de todos os amores possíveis, o amor para além de toda definição e de toda possibilidade. Rezando, deixamo-nos amar por Deus e renascemos ao amor continuamente. Não nos agarramos a Deus, mas deixamos que Ele passe pela nossa vida e pelo nosso coração, que toque a nossa alma, e se faça contemplar, mesmo que rapidamente. Somente assim podemos viver relações significativas com as irmãs, com os jovens, com cada pessoa. Tornamo-nos anunciadoras e testemunhas de uma experiência, e talvez seja essa a maior e mais eficaz evangelização: relatar a nossa experiência de amizade com Jesus, testemunhar a realidade de um Encontro!

Em estilo salesiano

Quem contempla o amor de Deus sente um grande desejo de manifestar gratidão ao Senhor por se saber amado. Dom Bosco sentia a presença de Deus como a de um Pai que continuamente cerca seus filhos de amor e proteção. Por isso amava os jovens que encontrava e amava a própria vida e a vida deles. Nos jovens e na vida cotidiana, vivida como lugar de uma Presença, descobria os sinais da proximidade de um Deus que se deixa encontrar nas circunstâncias mais ordinárias.

Não basta todavia crer que Deus está presente. É necessário procurar descobrir o significado concreto dessa presença misteriosa. E para descobri-la em nossa vida, nos acontecimentos, na história, é preciso um olhar penetrante, capaz de ler dentro e além da realidade e chegar ao

Mistério que a atravessa. É viver a existência cotidiana reconhecendo o Mistério que a preenche. Viver na fé não significa aceitar alguma coisa, mas acolher Alguém, renunciar-se a si mesmo para deixar-se habitar por Deus.

Um jeito privilegiado de penetrar o limiar do mistério que nos envolve é a Palavra de Deus. Na espiritualidade salesiana, uma dimensão fundamental do encontro com o Mistério é a vida sacramental e o amor a Maria. Sem essas experiências não é possível compreender as realidades de Valdocco e de Mornese.

Dom Bosco salienta com muita insistência a centralidade e a importância que os Sacramentos têm no seu sistema educativo e, em Mornese, a Eucaristia principalmente, é fonte e ápice de tudo. A presença do "Deus conosco" no Pão eucarístico é uma presença viva e operante. A Ele recorre-se com fé nos momentos de dificuldade, em torno dele realizam-se os encontros nos momentos de alegria, com Ele inicia-se e se encerra cada dia.

Dom Bosco tinha um amor profundo e filial a Maria, e Madre Mazzarello compartilhava esse mesmo entusiasmo reforçado pela sua sensibilidade feminina. Os nossos Fundadores, ensinaram-nos a reconhecer Maria como Auxiliadora: auxílio forte e poderoso, sobretudo nos momentos de dificuldade.

A força do contágio

Quem encontrou Jesus não pode deixar de revelar a alegria do Encontro com Ele. Tonino Bello, ex-Bispo de Molfetta, resume bem o que significa viver diariamente uma relação profunda com Jesus. «Enamorar-se de Jesus Cristo, como faz quem ama apaixonadamente uma pessoa e define todo o seu empenho humano e profissional a partir dela, em torno dela lembra as escolhas de sua vida, retifica os projetos, cultiva os interesses, adapta os gostos, corrige os defeitos, modifica o próprio caráter, sempre em função da sintonia com ela. O que não é capaz de fazer, por exemplo, um homem pela mulher que ama, por ter definido sua vida a partir dela? Observando a vida de muitos amigos nossos, dos nossos companheiros de estudos, percebemos como o amor totalizante afeta não somente o aspecto da afetividade, mas arrasta em seu turbilhão os dias, as noites, o repouso, o trabalho, a alegria, a dor, as decepções, as esperanças. É um investimento total.

Quando falo de enamoramento de Jesus Cristo quero dizer o seguinte: um investimento total da nossa vida. Enamorar-se de Jesus Cristo quer dizer: profundo conhecimento dele, familiaridade com ele, frequência constante em sua casa, assimilação do seu pensamento, aceitação das exigências mais radicais do Evangelho. Quer dizer reorientar realmente a vida em torno do Senhor Jesus, para que a nossa existência se torne "uma existência teológica"».

Enamorar-se sempre mais apaixonadamente de Jesus pode fazer nascer no coração dos jovens o desejo de "vir e ver", e de lembrar para sempre o momento de um Encontro, ou melhor, de um Encontro por excelência, que reverteu uma existência inteira, assim como um dia aconteceu conosco e, a partir daquele dia, o fogo continua a queimar dentro de nós!

emiliadimassimo@yahoo.it; gteruggi@dgfma.oarg

Entrevista com Irmãs jovens e Noviças

O que motivou sua vocação?

...o desejo de seguir Jesus, Pessoa viva, encontrada e conhecida na minha família, simples mas rica de valores humanos e cristãos, e numa comunidade paroquial capaz de testemunhar com a vida aquilo que professava. No ambiente familiar e comunitário compreendi que a vida é dom e vocação e, ao longo do caminho, não me foi difícil intuir que Deus me chamava a si para fazer da minha vida um dom para Cristo e para os outros.
Eliane Petri – fma

Desde menina, sentia em mim o desejo de me tornar religiosa. Isso foi se firmando gradualmente pelas atividades paroquiais e pela presença alegre, serena e amorosa das pessoas consagradas.
Maria Vo Diem Trinh – fma

... a busca de uma plenitude de vida, de felicidade; o desejo de viver no amor, de ajudar os jovens. A voz interior, que me deixava inquieta, dizia que existe algo "mais" para além do sucesso, o "sucesso" que eu procurava e que começava a ter. Enquanto estudava na Universidade, era responsável por uma ONG estudantil, participava de eventos acadêmicos em nível internacional. Depois da formatura fiquei ensinando Economia na Universidade e era pesquisadora. Eu com o meu namorado havíamos fixado o dia do casamento...
Nataliya Vakulishyna – noviça

... a consciência de me sentir amada por um Deus que, "louco" de Amor, deu sua vida por mim. O desejo de uma adesão total de amor ao Seu serviço. O desejo de uma vida vivida em profundidade, transbordante de amor. O mistério de uma união silenciosa, invisível aos olhos humanos mas que, vista com o coração, expressa uma intimidade profunda e intensa ... Tudo isso!
Angela Galizia – noviça

Em que medida e de que modo o testemunho de uma comunidade influiu em sua escolha vocacional?

Na hora do discernimento, foi esta a motivação para me decidir a entrar no Instituto. Desde o período da formação até agora, a vida comunitária tem sido sempre uma referência à maturidade, uma escola de caridade e um suporte para avançar na vocação salesiana.
Maria Vo Diem Trinh – fma

Acredito que a comunidade seja o lugar privilegiado onde Deus fala, revela-se e educa. Tanto na minha família como na comunidade cristã era vivo o empenho de rezar pelas vocações: ali aprendi a conceber Deus como Pessoa, a ver em Maria uma Mãe. O contato com as irmãs franciscanas influiu profundamente na minha escolha. Mas o encontro inesperado com uma comunidade FMA foi determinante: a acolhida, o espírito de família, a alegria que reinava na comunidade, entre as Irmãs e os jovens, fizeram-me compreender que era ali que Deus me queria. A inserção na comunidade e o acompanhamento confirmaram minha escolha.
Eliane Petri – fma

Conheci de perto a primeira comunidade cristã aos 19 anos, quando recebi a Primeira Comunhão e comecei a fazer parte da única paróquia católica no nordeste da Ucrânia.

Estando eu inserida numa comunidade pequena e muito familiar, esta conversão foi o momento de decisão de toda a minha vida. Depois encontrei outra comunidade de 3 FMA, centenas de quilômetros ao sul da Ucrânia (Odessa): a minha comunidade, onde me senti em casa e que agora se tornou realmente a minha casa.
Nataliya Vakulishyna – noviça

O testemunho da comunidade foi fundamental para a minha vocação. Eu me lembro quando comecei a frequentar o Instituto das FMA de Biancavilla (CT): fiquei impressionada ao ver *aquelas* irmãs sorridentes vivendo todas juntas. "Que estranho!", pensava. Crescendo e amadurecendo na escolha vocacional, continuava a ver os rostos alegres das irmãs e imaginava a alegria, não sem dificuldades, na convivência das diferentes idades, culturas, estilos de vida, mas com um único objetivo: viver para Deus, doando totalmente a vida a Ele.
Angela Galizia – noviça

Houve alguma pessoa que influiu particularmente em sua escolha?

Lembro-me sempre destas palavras da irmã que nos acompanhou nos dez dias de discernimento: "Trinh, eu acho que você tem vocação religiosa".

Foi o primeiro colóquio, apesar de não saber do que se tratava. Estas palavras me transmitiam confiança e também me revelavam o desígnio de Deus em minha vida.
Maria Vo Diem Trinh – fma

Os meus pais souberam aceitar os sinais da minha vocação, compartilharam as alegrias e as fadigas no discernimento. Com discrição souberam encorajar-me sem me condicionar, deixando-me serena e livre. Lembro-me das formadoras e das inspetoras do período de formação inicial: ajudaram-me a discernir e a acolher o dom da vocação salesiana e progressivamente a assumir a identidade de FMA com as consequências da vida consagrada.

Quando penso no significado dessas pessoas no minha caminhada vocacional, vejo com reconhecimento a pedagogia de Deus: em cada etapa, através das mediações, conduzia-me ao aprofundamento da vocação como dom e como tarefa e a vivê-la no louvor a Deus e no serviço aos jovens.
Eliane Petri – fma

Eu tive um excelente pai espiritual, que me acompanhou juntamente com outros jovens. Éramos jovens empenhados que compartilhavam os mesmos interesses, a mesma paixão por Cristo e pela vida.

Acompanhou-nos pacientemente, ensinou-nos a rezar, a ser disponíveis para o serviço, a amar o silêncio e a adorar Jesus Eucarístico, a amar Maria.

Além disso, tive duas Mediações preciosas na minha caminhada vocacional: um jovem seminarista de minha paróquia e Ir. Anna, uma FMA ucraniana que Padre Alexey conhecera em uma peregrinação mariana.

Exatamente naquele momento eu havia decidido tornar-me religiosa mas não sabia em que Instituto. Padre Alexey, tocado pelo testemunho alegre de Ir. Anna e pelo carisma salesiano, pôs-me em contato com o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, como o lugar onde se pode "ir e ver Jesus" para permanecer com Ele amando muitos outros.
Nataliya Vakulishyna – noviça

Foram muitas as pessoas que me acompanharam. Lembro-me dos franciscanos em uma "missão jovem" na minha cidade: um momento de graça, que me ajudou a me esclarecer sobre a escolha. Mas a insegurança me levava a ter medo de começar seriamente um percurso concreto. Improvisamente, entrou na minha vida uma FMA, Ir. Pina, uma mulher de oração, simples, humilde, empenhada no caminho da santidade. Acompanhou-me através do diálogo, do confronto e de alguma provocação, a dar aquele passo que "sozinha" não tinha coragem de dar.

Com ela descobri o que significa fazer experiência de Deus no cotidiano, intensifiquei o abandono confiante em Maria, presença constante em minha vida. Toquei com as mãos a alegria da consagração a Deus na missão com os jovens.
Angela Galizia – noviça

PASSO A PASSO

A arte do acompanhamento em São Francisco de Sales

Dulce Hirata

Nosso caminho espiritual como FMA, parte da experiência vocacional e cresce rumo à unidade vocacional (cf. Projeto Formativo p. 12).

Neste espaço vital descobrimos, admiradas, o Deus do amor preveniente que se revela e que derrama sobre nós seu amor chamando-nos pelo nome (Is 45,3), ou seja, criando-nos

continuamente, comunicando-nos o seu amor que é vida e pedindo-nos para amá-lo de todo coração, com toda a alma, com toda a mente.

Na medida em que entramos livremente nesse diálogo, que constitui a nossa experiência vocacional, conhecemos Deus e nós mesmas, o que somos e o que Ele quer que nos tornemos segundo o desejo do seu coração. Mas Deus pode configurar-nos ao seu Filho somente com o consentimento da nossa liberdade conquistada pelo seu amor. Assim como, diz S. Francisco, a vontade dobra-se somente ao que conhece e ama, para ela não basta que a realidade seja verdadeira e bela, é necessário que a vontade seja movida pelo desejo, de outra forma arrisca-se a ficar apenas na constatação!

A experiência do amor de Deus, que nos permite relacionar-nos com Ele, é inesquecível. Permanece como uma marca indelével nas nossas origens e nenhuma outra experiência poderá cancelá-la. Mesmo se nos esquecêssemos de Deus, o sabor do seu amor permanece como uma perene nostalgia a nos lembrar de Quem nascemos, de Quem trazemos a marca, Quem realmente pode dar sentido à nossa vida e Quem é capaz de apagar a sede do nosso desejo. Dom Bosco deixou-nos um grande mestre de espiritualidade: São Francisco de Sales, o doutor do amor. Lendo sua obra *"Tratado do amor de Deus"* ou *Teótimo,* descobrimos um caminho simples, ao alcance de todo cristão. Deus é o Amor que se faz caminho para chegar até nós e para levar-nos a Ele. É Amor preveniente porquanto chega a nós antes de qualquer movimento nosso em direção a Ele; é amor gratuito que não espera a nossa resposta para continuar a nos amar mesmo quando se encontra diante de uma rejeição ao seu Amor; Amor vencedor que destrói todo mal, cura toda ferida, refaz todo tecido danificado mas que se torna impotente diante do não da nossa liberdade.

De nossa parte, porém, basta deixar-nos amar por esse Deus que busca um relacionamento pessoal com cada uma, que envia o seu Filho Jesus, feito pessoa humana como nós, para que possamos compreender Deus em nossa linguagem, em nossa cultura. Ele nos alcança no ponto em que estamos; com seu Espírito de amor e verdade trabalha no nosso espírito, alarga a medida do nosso coração, da nossa capacidade de entender, reforça nossa vontade frágil, evangeliza os nossos sonhos e desejos.

Podemos perguntar-nos: por que razão não nos convertemos a Ele se temos realmente toda a Trindade à nossa disposição?

São Francisco, acompanhando as irmãs da Visitação no caminho da comunhão com Deus, explica no cap. X do livro I de Teótimo, que o amor procura a união. Mas que união é essa? Uma vez que a pessoa ama com a vontade, o objetivo do seu amor tem a natureza da sua vontade. Sendo sua vontade espiritual, espiritual é também a união à qual aspira. Mas, se ama com sua vontade sensual, e repetidamente o faz, enfraquece-se a tal ponto que cai abaixo de sua própria natureza. Apenas com nossas forças não conseguimos amar sempre e todos com vontade espiritual. Mas o Senhor não nos deixa sozinhas nessa batalha. São Francisco de Sales ensina-nos no capítulo XIV do livro II: «Quando Deus nos concede a fé, entra em nossa alma e fala ao nosso espírito não com palavras, mas com inspirações, propondo à inteligência de modo tão agradável aquilo que deve crer, que a vontade experimenta um grande prazer e encoraja a inteligência a concordar e a estar em conformidade com a verdade, sem nenhuma dúvida e desconfiança. E eis a maravilha: Deus realmente propõe os mistérios da fé à nossa alma mesclada de escuridão e de trevas, de modo que, por assim dizer, nós o vemos sem o ver, porque, de um lado, não o vemos tanto a ponto de dizer simplesmente que o vemos, e, por outro lado, não o vemos tão pouco a ponto de dizer que não o vemos totalmente; é isso que denominamos pressentir» (São Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus,* editado por Ruggero Balboni, Paulinas, 2001, p. 228). A fé cresce na medida em que sigo as inspirações com as quais Deus me fala. E, seguindo-as, cresce em mim o desejo de Deus e, como o Senhor está ausente, desejo-O incomensuravelmente e morreria se Ele não me concedesse a *Esperança* de poder um dia possuí-lo. E assim cresce esta segunda virtude teologal. (cf *op*.c.p.238). Para o nosso doutor, *Fé* e *Esperança* são formas de amar, não só como Deus, mas com o mesmo amor de Deus, isto é, com a *Caridade*. Assim, na simplicidade do cotidiano, seguindo os pequenos passos que a inspiração de Deus dita à nossa interioridade, deixamos espaço ao Espírito que configura em nós aquele único rosto que o Pai reconhece como seu filho, o rosto de Jesus Cristo.

Na escola de São Francisco de Sales, o acompanhante na vida salesiana segue os mesmos passos: deixando-se amar por Deus faz ele por primeiro a experiência de ser acompanhado conhecendo os caminhos do Espírito não por ouvir dizer, mas por experiência vivida. Ele parte do ponto onde se encontra a irmã ou a comunidade e, com amor preveniente, ajuda a discernir as inspirações, - se vêm de Deus, do maligno ou do espírito humano – e anima a pessoa e/ou a comunidade a se purificar de tudo aquilo que impede a aliança de amor com o Senhor. Pequenos passos, mas decisivos na direção do crescimento da vida teologal. Radicalidade na direção, sábia pedagogia no respeito ao ritmo e possibilidades de cada um, olhar positivo que aponta para aquilo que o Espírito quer realizar na pessoa e não tanto para os defeitos a serem combatidos porque estes são vencidos mais pelo amor de Deus em nós do que pelo esforço humano. Daqui o otimismo e a alegria de ser de Deus: características da espiritualidade salesiana.

RAÍZES DO FUTURO

Ver Deus no rosto de cada jovem

Anita Deleidi

"Escute, Petronilla...": uma confidência entre amigas, numa estrada rural. Tudo começou na simplicidade de um encontro, na simplicidade de uma partilha que inesperadamente revela a qualidade de uma intuição fecunda no tempo e na história.

Durante o longo silêncio de convalescença do tifo, *Main* amadurece a busca do novo modo de "ficar" à disposição do Senhor de sua vida, intuiu-o ao percorrer as vielas de acesso à igreja. Com saudável realismo, olha ao seu redor: encontra o olhar das jovens mornesinas, guarda no coração uma "voz insistente" *(A ti as confio).* E se decide: *«Parece-me que o Senhor quer que nós duas nos dediquemos às meninas de Mornese... Estou decidida a aprender corte e costura... vamos alugar uma sala por nossa conta, aceitar alguma menina que queira aprender a costurar e lhe ensinaremos, mas com o fim principal, lembremo-nos bem, de tirá-la dos perigos, ajudá-la a ser boa e, especialmente, orientá-la no conhecimento e no amor do Senhor»* (Cronistória I 98).

A verdade descoberta torna-se motivação para a ação apostólica: dedicar-se a "elas", acompanhá-las com paciente bondade para que descubram o sentido da vida, na dignidade do trabalho, na alegria dos divertimentos sadios e festivos. A oficina, o catecismo, o oratório festivo... o albergue, a casa da Imaculada: não sem esforço, a obra educativa toma forma e se delineia um projeto de vida, no qual empregar em tempo pleno energia e criatividade para encontrar as modalidades mais adequadas à formação cristã das jovens residentes. Maria Domingas não as perde de vista, escuta-as; previne com delicadeza e firmeza, com afabilidade e decisão; cria um ambiente sereno, sem imposições, mas organizado e harmônico, com um ritmo regular de trabalho, aberto às surpresas (um passeio, um canto, uma dança, uma merenda...). Otimismo e esperança promovem os melhores recursos e as jovens respondem positivamente: *"Ela nos dirigia e queria ser obedecida, mas dava-nos a impressão de que assim fazia apenas visando ao nosso bem"* (Maccono I 140). Na breve mensagem de Dom Bosco (ainda não conhecido) que chega a Maria Domingas e Petronilla, já há a confirmação de uma sintonia: *«Rezem também, mas façam o maior bem que puderem, especialmente à juventude, e façam o possível para impedir o pecado, mesmo que seja um pecado venial».*

Dom Bosco é um santo

Outro encontro, simples e breve (8 de setembro de 1864), marca o início de um pacto profundo de visões e de projetos que se fundem: *«Parecia-lhe que a palavra de Dom Bosco fosse como o eco de uma linguagem que sentia no coração sem saber expressá-la; como a tradução de seu*

próprio sentimento; como uma coisa sempre esperada e finalmente alcançada. Dois minutos: nada para ela em particular, nem teria ousado pensar nisso» (Cronistoria I 149).

Maria Domingas, ao intuir a santidade de Dom Bosco, o seu fascínio, orienta-se mais uma vez com decisão e de maneira definitiva para um "ministério" de doação constante e cotidiana pela educação das jovens.

Dom Bosco confirma gradativamente sua confiança interior e lhe abre novos horizontes, orientando aqueles "dons da natureza e da graça" que farão de Main uma colaboradora excepcional (*adjutrix et alumna* do Santo, define-a o processo de canonização) para a salvação das jovens.*«Tudo era nada para ela que agora se sentia fortemente impulsionada a dedicar-se totalmente ao serviço do Reino de Deus nas almas juvenis e nada lhe parecia dificultoso para conseguir isso».* (Cronistória I 186)

Depõe o Cardeal Cagliero: *«Ela amava todas as pessoas com grande amor e só por amor a Deus sem levar em conta se mereciam ou não; se correspondiam ou se demonstravam ingratidão».* Maria Domingas não mostra favoritismo, ama as pessoas incondicionalmente. Suas expressões de caridade vão desde os pequenos gestos de atenção e delicadeza até o esquecimento de si. Cultiva expressões de ternura e de verdadeiro afeto pelas irmãs e pelas meninas, especialmente por aquelas que estão longe, em terra de missão: *«Eu lhes asseguro que vocês estão sempre presentes no meu coração» (Carta 65).*

O próprio Dom Bosco não teme afirmar a Dom Cagliero: *«Você conhece o espírito do nosso oratório, o nosso sistema preventivo e o segredo de se fazer querer bem, de se fazer ouvir e obedecer pelos jovens; amando-os sem mortificar nenhum, assistindo-os, dia e noite com paterna vigilância, paciente caridade e benignidade constante. Pois bem, a boa Madre Mazzarello possui estes requisitos... Ela não tem outra coisa a fazer e outra coisa não faz senão adequar-se ao espírito e ao caráter próprio do nosso Oratório... a Congregação delas é igual à nossa; tem o mesmo fim e os mesmos meios que ela inculca com o exemplo e com as palavras às irmãs, as quais, por sua vez, sob o modelo da Madre, mais que superioras, diretoras e mestras das jovens educandas, são suas mães cheias de ternura ».* (Memória histórica do Cardeal Cagliero em AGFMA).

Na tradição salesiana Maria Domingas é definida "salesiana por instinto" (A. Caviglia): eu gosto, ao invés, de reconhecer nela aqueles dons de personalidade, de intuição, de autêntica sensibilidade educativa que, orientados por uma formação espiritual considerável (pelos pais, por Dom Pestarino, Dom José Frassinetti, Ângela Macagno, as leituras...), pela capacidade de um realismo saudável e de atenção aos sinais dos tempos, descobrem, no encontro com Dom Bosco, a verdadeira sintonia para conduzir a Deus a vida dos jovens.

É uma entrega que ainda hoje nos provoca e inquieta diante da perda do sentido da vida de tantos jovens que esperam de nós uma presença amiga e palavras de esperança.

adeleidi@cgfma.org

AMOR E JUSTIÇA

«Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37)

Julia Arciniegas

"A fome é a mais terrível arma de destruição em massa que existe sobre o planeta" . Afirmou o ex-presidente do Brasil Lula da Silva à cúpula da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), dizendo-se convencido de que os meios para extingui-la existem.

Esta expressão dura, provocadora, referente à situação de milhões de pessoas que diariamente morrem de fome, não é uma exagero, antes, indica uma prioridade e tenciona tocar as nossas consciências.

A humanidade encontra-se hoje diante de um desafio de ordem técnica e econômica, mas sobretudo de ordem ética, espiritual, educativa e política. A **fome** ameaça não só à vida das pessoas, mas também a sua dignidade humana.

Falam os fatos

Em 16 de outubro de 2010, a *Jornada mundial da Alimentação* completou 30 anos. Um dia importante, que lembra também o 65º aniversário da fundação da FAO. *Unidos contra a fome* foi o tema escolhido para reconhecer os esforços realizados no enfrentamento deste problema em nível nacional, regional e internacional.

Realmente, em 2009 foi atingido o limite crítico de um bilhão de pessoas que passam fome em todo o mundo. 'Um marco trágico para os nossos dias', segundo Jacques Diouf, diretor geral da FAO.

'Mais de 17 mil crianças morrerão hoje de fome: uma em cada cinco segundos, 6 milhões em um ano'. Afirmou no seu discurso o secretário geral da ONU Ban Ki Moon. 'O mundo tem comida mais do que suficiente – acrescentou – no entanto mais de um bilhão de pessoas passam fome. Isso é inaceitável'. Para muitas pessoas viver sem ter o que comer é uma realidade cotidiana, uma situação que muitas vezes gera agressividade e violência. *"Eu tinha onze anos, conta um jovem. Estava dando voltas num mercado com um grupo de turistas. O guia avisou-nos: 'Quando as crianças lhes pedirem alguma coisa – e, com carinho o farão – não lhes deem nada. Não por maldade, mas pelo bem delas'. Um turista, com mais iniciativa do que os outros, pensou bem e não atendeu ao aviso: assim que um enxame de crianças sorridentes começou a rodar em torno dele, ofereceu uma bala à menor e mais graciosa das meninas, que tinha a cabeça cheia de trancinhas e olhos irresistíveis. Teria quatro anos. As outras crianças pouco maiores do que ela, a assaltaram de repente. Foi devastador: elas a sacudiram, chutaram, puxaram suas tranças. Derrubaram-na e a largaram no meio da poeira, cheia de arranhões e contusões. Por causa de uma bala". (www.dillinger.it/im-mad-as-hell-48394.html)*

A crise alimentar é um sinal de alarme não só para hoje, mas também para o futuro.

Às fontes do amor

Temos interesse em aprofundar esta situação para evidenciar algumas de suas causas. Fontes oficiais afirmam que não se trata de um problema de comida. A fome existe porque existe a pobreza; os desastres naturais algumas vezes acontecem em lugares onde os pobres não têm os meios para reconstruir o que foi destruído; as guerras e os conflitos armados tiram das pessoas toda esperança de levar uma vida decente e de nutrir as próprias famílias; algumas multinacionais exploram os recursos naturais de modo não sustentável; muitos países não investem o suficiente no setor rural para dar suporte ao desenvolvimento agrícola. Como consequência acrescenta-se o aumento do preço dos gêneros alimentícios devido à especulação financeira.

A esse respeito a Doutrina Social da Igreja afirma: «Todos quantos nas transações comerciais usam práticas usurárias e mercantis que provocam a fome e a morte dos seres humanos, cometem indiretamente um homicídio, que lhes é imputável» (Cf. CDSC, 341).

No contexto da narrativa da multiplicação dos pães, feita por Jesus para matar a fome da multidão que o seguia, encontramos um imperativo que nos ilumina sobre a nossa responsabilidade diante do problema da fome: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37). Como os discípulos, somos chamados a *dar,* a agir a exemplo de Jesus, passando da economia da *posse* à economia do *dom,* da gratuidade. Acumular egoisticamente produz fome e morte, compartilhar gera saciedade e vida (S. Fausto). Com o sinal do pão para todos, Jesus nos convida a envolver-nos profundamente com a necessidade de tanta gente cansada e com fome, aceitando tornar-nos mediadores de uma vida abundante. No momento de despedir quem pede ajuda, de ignorar a necessidade dos outros, Ele nos pergunta: Que quantidade de amor você tem? Por pouco que

seja, ele é sempre capaz de saciar, de cuidar, «porque o amor vem de Deus: quem ama foi gerado por Deus e conhece Deus» (1Jo 4, 7) (Michael Davide).

j.arciniegas@cgfma.org

Toca a mim... toca a nós...

A fome no mundo convoca-nos a dar um rosto concreto à dimensão social da fé. Um primeiro passo é compartilhar a aspiração *por um mundo sem fome.*
De que modo nossa comunidade educativa empenha-se na busca das causas dos problemas que afligem a humanidade, nesse caso a fome, para assumir estratégias que colaborem na sua erradicação?

Ocorre intervir com maior clareza e decisão para facilitar o acesso dos pequenos agricultores nos mercados locais e internacionais. Um meio concreto é o apoio ao comércio justo. *Educamos e nos educamos para fazer escolhas coerentes nesse campo? Quais obstáculos destacamos?*

A FAO lançou o projeto ***1billionhungry*** para que as pessoas possam assinar on line a petição contra a fome no site *http://www.1billionhungry.org/hunger/ Evidenciamos o valor educativo dessa campanha e... a apoiamos!*

FIO DE ARIADNE

A vocação

Giuseppina Teruggi

Em Cesuna, no verão passado, nos dias da programação da *Revista* DMA, refletimos sobre quais temáticas associar aos argumentos do dossiê 2011 para a elaboração da rubrica "Fio de Ariadne". Espontaneamente tivemos a ideia de ligar ao tema "Testemunhas de um Encontro" a realidade "Vocação". Porque a vocação nasce do *encontro,* é sempre expressão de um *encontro.*

Cada pessoa é chamada

A Vocação é um chamado, é a relação de um *eu* com um *tu, é a* entrega de um dom a ser acolhido, valorizado, incrementado. Às vezes é dom oferecido com absoluta gratuidade: assim é o chamado à vida, ser preferido a tantos outros que poderiam existir mas nunca existiram. Outras vezes é um chamado que envolve a pessoa de forma ativa, implica busca, discernimento para ser decifrado e se tornar resposta. É o caso de toda escolha em que o curso de uma existência inteira entra em jogo.

Cada vocação é única: cada qual é chamado "por nome", é querido e amado por Deus. Por este singularíssimo amor, cada pessoa é única, preciosa.

Encontrar a própria identidade, o próprio lugar, responder a um projeto pessoal é a tarefa que lhe foi confiada.

Muitas vezes isso acontece sem a consciência de uma tarefa precisa a ser assumida. A pessoa percebe todavia que é livre para escolher. Manifesta-o em particular no período da adolescência, quando está mais consciente de ter diante de si muitas possibilidades e escolhas.

Uma escolha sobretudo: a que determina sua realização pessoal e única.

Livres para escolher?

Até que ponto, em nossas culturas, adolescentes e jovens são livres nas suas escolhas? Aquilo que é oferecido como liberdade, muitas vezes tem os tons da falsidade e do produto pre-confeccionado. São numerosos os condicionamentos para uma escolha autônoma: hoje mais do que no passado. Por isso, as decisões são proteladas no tempo, a insegurança atormenta a alma de grande parte dos jovens, o medo de assumir uma opção definitiva (a ansiedade do "para sempre") impede uma relação de vida plena e significativa.

São vários os condicionamentos que ameaçam principalmente os jovens. Eis alguns deles.

Os modelos publicados que geram desorientação e confusão moral. Muitos deles contribuem para insinuar a insegurança diante dos valores. Hoje, na vida coletiva, existe a incapacidade de chegar a um acordo sobre as normas básicas e sobre uma hierarquia compartilhada dos bens.

O relativismo que constatamos tanto nas situações habituais da vida, como nos grandes eventos públicos e privados. Nas nossas sociedades e culturas está presente um "relativismo que, nada reconhecendo como definitivo, deixa como última medida apenas o próprio eu com suas vontades e, sob a aparência de liberdade, torna-se para cada pessoa uma prisão, porque separa umas das outras, reduzindo-as a encontrar-se trancadas dentro do próprio eu" (Bento XVI, *Convênio das dioceses de Roma,* 2005).

O culto *da emoção,* segundo a definição de Michel Lacroix. Nota-se uma acentuação das emoções fortes preferencialmente às assim chamadas "emoções calmas". O nosso tempo exalta o excesso, a agitação. Existe uma enorme quantidade de estímulos sensoriais que continuamente excitam sobretudo a sensibilidade das crianças e dos jovens com o risco de uma "reação em cadeia", pela qual se tende a passar de uma excitação à outra, procurando vez por vez as mais fortes. Músicas ensurdecedoras, videojogos violentos, divertimentos barulhentos, imagens digitais, esportes arriscados, festas frenéticas: são "excitantes" que impedem a experiência das emoções simples e profundas ligadas ao contato com a natureza, ao relacionamento com as pessoas, à visão de imagens esteticamente belas e límpidas.

A cultura da *pressa* e do *tudo imediato* faz com que o excesso de estímulos conduza ao excesso de escolhas, sem distinção de valores e sem prioridades precisas. Há anos constatamos isso: os jovens sabem coexistir com uma multiplicidade de experiências bastante opostas, sem perguntar-se se são válidas ou não. Eles consideram importante aproveitar todas as oportunidades de felicidade, de satisfação dos desejos pessoais subjetivos.

Dom e missão

Como família salesiana somos convidados a entrar no coração de um empenho que nos envolve a todos: a necessidade de convocar. A Estreia de 2011 gira em torno desse parâmetro que se liga diretamente à necessidade de promover uma cultura vocacional, como "mentalidade, atitude compartilhada por um grupo". Afirma-se claramente que "a vida é vocação". Cada pessoa – sublinha Dom Pascual Chávez – "tem consciência da própria singularidade. Compreende que sua existência é exclusiva, qualitativamente diferente das outras, irredutível ao mundo. Pertence-lhe totalmente, mas tem as características de um dom, um fato precedente a qualquer desejo ou esforço".

Nessa ótica, é superada a visão subjetivista da vida, na qual o indivíduo torna-se 'centro e medida de si mesmo'.

Não se prioriza o eu com suas potencialidades, mas sim a interdependência com os outros, a acolhida e a abertura a todas as pessoas na sua singularidade. A vida é vivida, então, como dom e missão: é esta a vocação da pessoa. Um belo valor, que devemos agradecer. Uma responsabilidade a ser assumida e posta ao serviço de um planejamento por um empenho construtivo diante das pessoas e da história.

Diante dos condicionamentos

Podem ser úteis alguns cuidados que abrem à possibilidade de escolhas livres.

"Viver com lentidão" é uma exigência sentida hoje talvez mais que no passado. A ideia é elaborada por Bruno Contigiani em um livro que tem este título.

Se quisermos melhorar nossa vida emotiva (na cultura de fortes emoções) e favorecer uma vida interior profunda, é indispensável dar-se um tempo, desacelerar o ritmo da própria existência, estabelecer prioridades, projetar as atividades com realismo inteligente. E acompanhar os jovens nessa direção.

A lentidão educa a sensibilidade e permite saborear a vida. As coisas nos falam quando temos tempo para escutar. É importante por outro lado reeducar a sensibilidade dos jovens ajudando-os a "substituir a cultura do choque-de-emoções pela cultura da emoção-contemplação... Por um lado, a corrente de uma emoção contemplativa não pode formar-se se diante do mundo não for tomada uma atitude de acolhida e de abertura. Por outro lado, é preciso vigiar sobre a qualidade dos temas que despertam a nossa atenção. Esses temas devem ser elevados, nobres, dignos de admiração... É preciso ser ao mesmo tempo disponíveis e seletivos" (Michel Lacroix).

São alguns pressupostos para "amadurecer projetos de vida evangélica e envolver inteiramente aqueles que são evangelizados até torná-los discípulos e apóstolos" (cf. Pascual Chávez Villanueva).

Um chamado de confiança

No livro "Sinta a felicidade", Irmão Roger, fundador da Comunidade de Taizé, descreve o sentido do chamado e a responsabilidade de uma resposta confiante. Observa ele: «Deus nos quer felizes! Mas não nos convida jamais a ser indiferentes ao sofrimento dos outros. No momento da prova, Deus nos sugere ser criativos.

A nossa vida recebe um sentido quando é resposta viva a um chamado de Deus. Mas como discernir o seu chamado? As pessoas perguntam: 'O que Deus espera de mim?'. No silêncio interior pode brotar esta resposta: Ouse oferecer sua vida pelos outros e encontrará um sentido para a sua existência».

Cada vocação, sobretudo ao seguimento de Cristo, é um chamado a ser reflexo dele, para levar a esperança do evangelho, para doar a vida. Quem responde a este chamado não ignora as próprias fragilidades, mas guarda no coração a Palavra: 'Não tenha medo, basta ter fé'.

Alguns percebem que o chamado de Deus é uma vocação para toda a vida, sentida já durante a infância. "O Espírito Santo tem o poder de sustentar um sim para sempre. Ele não depositou talvez no ser humano um desejo de eternidade e de infinito?". Em cada idade pode-se reencontrar o entusiasmo e se dizer: 'Tenha um coração decidido e prossiga na caminhada'. Até chegar à descoberta de que é precisamente nas situações exigentes que o ser humano torna-se plenamente ele mesmo. A confiança de um "sim" para sempre ilumina e alimenta a coragem e a audácia.

"Você me pertence... para sempre"

Cada vez que festejamos as irmãs que celebram os seus 50, 60, 75, 80 anos de Profissão notamos um sentimento de profunda gratidão e de contemplação.

A longa fidelidade do dom de Deus coincidiu com uma resposta plena de fidelidade e de dom. Para além da rotina, da frustração de soluções imediatas, do desenrolar-se certamente não linear da vida, com sua carga de esperanças e decepções, de objetivos alcançados e de fracassos. Assim como é o percurso de cada vida humana.

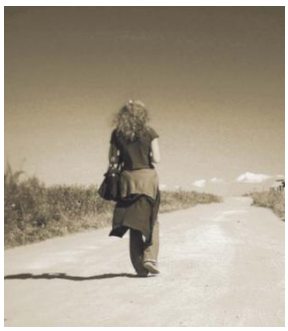
A Vocação é um dom e uma missão: a fidelidade de tantas fma, de ontem e de hoje, é a demonstração mais eloqüente dessa verdade.

Talvez as novas gerações, nas incertezas e dificuldades do contexto atual, possam ser atraídas principalmente pelo testemunho sereno, simples, convincente de tantas irmãs que, por dom de Deus, procuram viver aquilo que S. Atanásio no século IV afirmava: "O Cristo ressuscitado faz da vida do ser humano uma festa sem fim!".

gteruggi@cgfma.org

DEUS SE FAZ ENCONTRO ATRAVÉS DE JESUS CRISTO...

Deus é amor oferecido,
convite ao amor.
A luz que Jesus Cristo representa
não só responde
às nossas perguntas,
mas abre para horizontes
completamente novos
através de sua resposta.



Tu és a Vida. Que o nosso pensamento, o nosso amor e as nossas obras encontrem em Ti as próprias raízes! Tu és a nossa Rocha. Que a fé em Ti seja fundamento sólido de toda a nossa vida!

CULTURAS

24 sobre 24 horas

Mara Borsi

Com a ajuda de duas irmãs africanas Ir. Clémentine Tete (AFO) e Ir. Lorenza Campanet Segorbe (AEC), neste artigo procuramos aproximar a realidade juvenil de algumas Nações do continente e a missão educativa das FMA.

Qual foi a experiência pastoral mais significativa para você?

Ir. Clémentine – Na minha vida salesiana trabalhei em obras diversas: centro juvenil, centro de formação profissional. Mas a experiência que considero mais significativa foi no *Foyer* para moças *Vidomegon,* ou seja, uma casa para meninas exploradas. As *Vidomegon* são meninas das zonas rurais da África ocidental confiadas pelas famílias a um tutor com a finalidade de lhes garantir uma educação melhor. Esta antiga tradição "hoje" está mudada e, com muita frequência, as meninas e as jovens são usadas como mão-de-obra gratuita e às vezes são até expulsas e largadas na rua. Esta obra da nossa missão em Cotonou (Benin) propõe um projeto de acolhida, formação integral e reinserção familiar e social para as meninas de 8 a 18 anos de idade.

Esta experiência nos meus primeiros anos de vida religiosa permitiu-me verificar a exigência e a beleza da doação sem reservas aos jovens mais pobres e abandonados. Defrontei-me diariamente com elementos essenciais do Sistema Preventivo, com a necessidade da minha presença contínua entre as meninas, com o pedido de disponibilidade na escuta para acompanhá-las em sua difícil

situação. Uma dedicação de 24 sobre 24 horas que me fez entrar na realidade delas e compreender sua cultura.

Ir. Lorenza – Minha experiência apostólica mais significativa vivi em Batate, uma aldeia situada a 65 quilômetros da cidade de Malabo. (Guiné Equatorial). A animação da aldeia é confiada às FMA: oratório, catequese das crianças, escola elementar para as crianças das aldeias vizinhas que não têm escola, uma casa de acolhida para as meninas que moram em aldeias mais distantes e para aquelas que se encontram em situação familiar difícil. Como se pode constatar, a obra é tradicional, nada tem de extraordinário. Mas a comunidade propôs-se a viver o ordinário da missão educativa, de modo extraordinário. Vivem-se 24 sobre 24 horas com as meninas: as refeições, o recreio, a boa noite, as orações, em suma, tudo com elas. A comunidade, todavia, reserva para si alguns momentos como por exemplo as reuniões comunitárias ou outros momentos.

A vida em Batete tinha também suas dificuldades. As privações, os mosquitos, a falta de comunicação... mas a vida austera e simples no trabalho nos fazia felizes. Era forte a consciência de que estávamos numa verdadeira família segundo o estilo de Mornese.

Quais desafios, necessidades, expectativas você enfrentou na missão entre os jovens?

Ir. Clémentine – As jovens do meu contexto pedem às FMA para serem mulheres de fé e para demonstrarem com os fatos o amor a Jesus. Esperam propostas que respondam às suas necessidades reais. Pedem a comunhão na Família Salesiana para o testemunho de unidade na diversidade, de trabalho realizado em conjunto, sobretudo lá onde reina o espírito de divisão, a marginalização, o individualismo. Invocam a capacidade de saber envolver em projetos concretos de promoção social, nos quais os jovens possam ser atores e protagonistas ao invés de expectadores e consumidores.

Ir. Lorenza – O rosto intercultural das nossas comunidades interroga constantemente os nossos destinatários e colaboradores. Compor e integrar as diferenças para mim é uma das exigências mais genuínas da vida fraterna em comunidade e um desafio ao relacionamento educativo. A diversidade continua a amedrontar. Penso que educar para a aceitação da diferença em um contexto multiétnico como o meu, representa uma forma concreta de evangelização. De fato, o nosso Deus, o Deus dos cristãos é comunhão na diferença.

Quais sinais de esperança você vislumbra na realidade juvenil do seu contexto?

Ir. Clémentine – Apesar da situação de pobreza e da falta de trabalho em que se encontram os jovens do meu contexto, os sinais positivos não faltam. São muitos os jovens de boa vontade que oferecem gratuitamente o seu tempo na animação das atividades do tempo livre. A disponibilidade para serem jovens apóstolos de outros jovens cresce e se concretiza no momento da alfabetização dos próprios coetâneos. Alguns se organizam em cooperativas para o trabalho conjunto e para o ingresso no mercado; outros criam organizações não governamentais para difundir valores como a paz, a justiça, o perdão, a solidariedade, o bem comum. Estes fatos confirmam que o empenho das FMA para educar as consciências acerca das exigências da justiça e do respeito à dignidade humana, dá os seus frutos.

Ir. Lorenza – Mais da metade da população do meu País é jovem. Esta realidade já é em si mesma um sinal de vida. Trata-se de uma juventude profundamente religiosa, aberta à transcendência. É verdade que não basta ter um forte sentimento religioso, é preciso ser cristãos. A juventude com a qual trabalho gosta de aprender, de ampliar os seus conhecimentos, de viver e, certamente, este é um sinal positivo.

mara@cgfma.org

PASTORALMENTE

A autoridade amorosa na relação educativa

Ir. Palma Lionetti

"O amor que move o sol e as outras estrelas" é o último verso do Paraíso e da Divina Comédia, momento em que Dante conclui o seu itinerário, do inferno ao paraíso, experimentando que só o amor move a sua vontade e o seu desejo. Mas o que "move" a dinâmica relacional na educação?

Se educar quer dizer "cuidar" das emoções e dos sentimentos dos jovens, então não podemos deixar de levar em conta duas modalidades relacionais que sustentam a educação: a autoridade amorosa e a bondade. Isso ocorre porque a educação, mais do que outros aspectos da vida comum, perde-se dentro de contradições difíceis como as mencionadas. Aparentemente parece que a ternura e a autoridade se esforçam para ficar juntas na prática educativa. No entanto, hoje mais do que nunca torna-se urgente reatualizar algumas categorias interpretativas do estilo da nossa pastoral juvenil, para que demos forma a novos processos e estratégias.

Reatualizar, de fato, a própria competência "é então uma nova responsabilidade, também porque evita as tentações de fuga e de abdicação da tarefa do adulto".

Mas, ainda existe autoridade? Como recuperar a consciência do próprio estilo na relação educativa?

O sentimento de fracasso e de impotência que hoje parece caracterizar a experiência educativa dos pais, professores e educadores, em geral, está se tornando pretexto para alimentar a convicção de que recorrer a práticas que valorizam a diretividade, as sanções, as ameaças e as restrições seja a resposta à situação crítica na qual a educação caiu. Torna-se, portanto, importante na prática educativa o exercício de uma "virtude" um pouco desbotada que é a firmeza educativa. A capacidade típica de quem sabe tomar decisões emocionalmente difíceis em favor dos filhos, dos próprios alunos, "resistindo às pressões psicológicas internas e externas que tendem a enfraquecê-los".

Tal exercício comporta para o adulto a experiência de certa dificuldade emotiva que pressupõe um trabalho paciente sobre si para afinar os aspectos do próprio caráter com o valor em questão que se está propondo.

Divina ternura

A partir do momento em que não se trata de um esforço voluntário, do que se nutre então esta "força" moral e psicológica do educador? A paixão educativa em todas as suas formas encontra seu alimento e seu vigor na "ternura divina" que, segundo M. Bellet, com a força do cuidado amoroso, da aproximação recíproca, da acolhida e da escuta atenciosa, restitui o homem à plenitude de si e à verdade da própria vida. É divina, mas tão divina a ponto de ser plenamente humana, é amor de amizade, é presença, hospitalidade, é troca de palavras, sem julgamento. É tudo isso que dá vida a nós mesmos, às nossas relações.

Um adulto, um pai, pode e deve modificar ao menos em parte o próprio caráter, os próprios comportamentos, não no sentido de construir um "falso eu", um eu mais "adaptado", mais "complacente", mas de cultivar "aquelas sensibilidades que permitam conhecer-se mais, precisamente para poder ser" mais verdadeiro e mais próximo de si mesmo e dos outros. Segundo uma autora os sentimentos que nos ajudam a viver são: saber aceitar, saber esperar, saber enternecer a mente.

Eles dependem diretamente da nossa capacidade de cultivar a alegria: procurar viver a alegria como sentimento da realidade, do presente vivido o mais intensamente possível.

Uma experiência de alegria é o prazer de pensar junto com os outros, que está na base do diálogo e é a fonte energética das relações familiares e educativas. Dar voz a todos, também aos mais pequeninos. Encontrar juntos as soluções. A confiança no futuro, a esperança, é o efeito de um modo de viver, de um estilo coletivo.

É a tonalidade emotiva da ternura que na sua dinâmica de tensão e distensão, de aproximação e distância sabe criar espaço para o outro, não reconhecido intelectualmente ou nas declarações verbais, mas no exercício concreto da confiança e da abertura ao outro, na alma amante do corpo que age.

«Sem afeto não há confiança. Sem confiança não há educação» e ainda «Quem quer ser amado, precisa mostrar que ama». Tanto hoje como ontem, esta é a melhor síntese do pensamento educativo de Dom Bosco. É somente sobre um relacionamento de confiança entre o jovem e o educador que o conceito de autoridade amorosa pode fundamentar-se: este estranho jogo de equilíbrios que sabe dosar bem aproximação e distância na relação, que é capaz de iluminar, intuir, antecipar, acalmar, sorrir, alegrar, compreender e simpatizar tendo aprendido a olhar os limites com disponibilidade e compreensão.

palmalionetti@gmail.com

MULHERES NO CONTEXTO

Mulheres em diálogo

Paola Pignatelli, Bernadette Sangma

"*Remendando o mundo dilacerado. Mulheres em diálogo interreligioso"* é o título do livro de Maura O´Neill publicado pela Orbis Books, em 2007.

O livro explora o que pode acontecer quando mulheres de diversos credos e de diferentes pontos de vista ideológicos entram em diálogo intra e inter-religioso, sobre questões que se referem à humanidade inteira. Sem entrar muito no mérito do conteúdo do livro, é interessante considerar simplesmente o título.

Desde os tempos antigos até hoje, podem-se encontrar figuras de mulheres que "remendam as sociedades dilaceradas", colocando-se em diálogo e colaborando umas com as outras.

Ícones bíblicos das mulheres em diálogo

É de uma atualidade surpreendente considerar algumas figuras de mulheres em diálogo na Bíblia. Um dos ícones emerge do livro do Êxodo. Trata-se da mãe e da irmã de Moisés e da filha do Faraó. Mulheres respectivamente hebreias e egípcia, pertencentes a povos em conflito, que se entendem para salvar a vida de um menino, infringindo o imperativo do soberano.

Não precisaram de lugares ou momentos de encontros formais, não houve muita conversa entre elas, mas gestos e passos imediatos. É um diálogo da prática, centralizado no valor da vida!

O segundo ícone é o de Rute e Noemi. Duas mulheres: uma hebreia e a outra moabita, de povos e gerações diferentes, que lutam juntas para dar um novo significado à sua vida.

Sua história, tecida a partir de um vínculo matrimonial, podia ter sido dissolvida pelo evento de uma morte. Consequentemente, a vida das duas mulheres poderia ter tomado direções diferentes: cada uma voltando à própria raiz religioso-cultural, imersa na própria dor e na própria perda, lutando privadamente contra o estigma e a discriminação pelo humilhante e doloroso destino de ser viúva.

As duas mulheres, ao invés, fazem uma escolha consciente e livre de se acolherem mutuamente enfrentando juntas o futuro obscuro e desconhecido, confiando unicamente em Deus.

Follow the Women

"Follow the Women" ou seja "Siga as mulheres" é uma iniciativa extremamente criativa, que se origina em 2004 da genialidade de uma mulher chamada Detta Regan, do Reino Unido, que hoje se desenvolveu e se tornou uma organização que acolhe mulheres de aproximadamente 40 Nações.

A iniciativa principal da organização é a marcha anual de bicicleta, pelas Nações do Oriente Médio, com o objetivo de promover o diálogo intercultural capaz de desencadear histórias de amor e de bondade na Região.

Afirma Detta Regan que a escolha de fazer a marcha de bicicleta é impulsionada pelo fato de que "tradicionalmente as mulheres não andam de bicicleta no Oriente Médio, portanto a visão de um grande grupo só de mulheres desperta um grande interesse".

Tal atenção da mídia ajuda o grupo a alcançar o objetivo: transmitir sua mensagem de diálogo e de paz. De fato, anualmente participam centenas de mulheres de aproximadamente 20 ou 30 Nações. O que torna especial esta marcha é a interação social e o diálogo entre as mulheres participantes e entre as ciclistas e as mulheres encontradas nas várias etapas do percurso.

Mulheres que sabem tecer

Ilde Curti, Assessor para as Políticas de Integração, descreve assim a realidade de Porta Palazzo, um bairro popular de Turim: «As mulheres, em Porta Palazzo, têm mil cores, mil faces e mil línguas. Mil olhares diferentes: de fadiga, cansaço, preocupação, e alegria. De juventude e de velhice. Eles vêm de todo o mundo. Compram alimentos de todo o mundo: a tapioca, a hortelã, o cuscuz e o tomate de Pachino

Misturam, trocam receitas, combinam cheiros, perfumes, línguas, pensamentos, histórias e hábitos que antes não existiam. Cozinha-se o futuro, se se quer encará-lo e acreditar nele, ao menos um pouco.

Sobre esta vida mestiça e confusa do maior mercado ao ar livre da Europa, há muitos anos procura-se investir inteligência, recursos públicos e privados, projetos e ações que governem a transformação, a mudança e a vida cotidiana das pessoas. De alguns anos para cá, acrescentou-se a este conjunto criativo de presenças, recursos, associações, instituições e Administração Municipal, a presença de uma comunidade multicultural de FMA e da associação 2PR. As Sisters, como são chamadas nessas paragens. Mulheres, também elas. Com a inteligência, a disponibilidade e a simplicidade de quem acredita realmente, entraram em contato com outras mulheres: moldavas, romenas, marroquinas, italianas, senegalesas. Mulheres jovens e menos jovens. Desesperadas, sozinhas, alegres, felizes.

As Sisters souberam apostar na capacidade de integração das pessoas que compartilham, aqui e agora, sua pacífica e extraordinária humanidade. Ficam juntas conversando, tomando chá, costurando. Caem as barreiras e a desconfiança dos estereótipos. Consegue-se estender a mão quando se está afogando.

Foi isso que as Sisters fizeram conosco. Colocaram à disposição sua capacidade de costurar: 'fios de humanidade e mulheres que sabem tecer' ».

Nós nos perguntamos...

Numa época em que se multiplicam "as mesas" do diálogo e do confronto, aumentam as parcerias de colaboração e arrisca-se inflacionar os termos: intercultural, inter-religioso... e outros... somos ainda capazes de "ficar diante de Jesus para aprender o segredo de um autêntico diálogo com o próximo" (C. 40)?

Estamos dispostas a olhar-nos com simplicidade nos olhos, a dar-nos um tempo para o relato de nossas histórias e a deixar que o intercâmbio de valores nos transforme? Que o diálogo, realmente, nos proporcione palavras, perspectivas, pensamentos novos sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre o mundo?

paolapignatelli@hotmail.com ; b.sangma@cgfma.org

NOSSA TERRA

Por uma agricultura sustentável

Anna Rita Cristaino

No mundo, diariamente, mais de 800 milhões de pessoas passam fome e aproximadamente 170 milhões de crianças com menos de 5 anos sofrem de graves distúrbios psicofísicos devidos à má nutrição. É portanto necessário pensar em ações de sustentabilidade que levem a uma melhoria concreta dessa situação, a partir da agricultura.

A agricultura sustentável é aquela que além de produzir alimentos e outros produtos agrícolas é economicamente vantajosa para os agricultores, ambientalmente respeitosa e socialmente justa. Quem se ocupa com a agricultura sustentável, privilegia os processos naturais que permitem preservar o "meio ambiente", evitando recorrer a práticas prejudiciais ao solo (tais como os processos intensivos) e a substâncias químicas (pesticidas, hormônios etc.) e utilizando fontes renováveis de energia. Consiste, portanto, na utilização de técnicas agrícolas capazes de respeitar o ambiente, a biodiversidade e a natural capacidade de absorção do terreno baldio.

A Agenda 21 é um programa das Nações Unidas dedicado ao desenvolvimento sustentável. No capítulo 32, lê-se: «A agricultura ocupa um terço da superfície do planeta e constitui a atividade central de boa parte da população mundial. As atividades agrícolas são realizadas em estreito contato com a natureza, fazendo-a frutificar e produzindo recursos renováveis mas, ao mesmo tempo, tornando-a mais frágil no caso de exploração excessiva ou de gestão errada [...]. De 20 anos para cá, a produção agrícola global aumentou de modo impressionante. Todavia, em algumas regiões tal aumento foi anulado pelo aumento da população. Além disso, os recursos naturais dos quais depende a atividade agrícola precisam de cuidados adequados e a sustentabilidade dos sistemas de produção agrícola suscita uma crescente preocupação».

O desafio da agricultura sustentável, que todos os Países do mundo deveriam aceitar, não se aplica exclusivamente às políticas agrícolas, aos métodos de exploração do solo, às atitudes do agricultor e do consumidor; mas também a um empenho responsável e consciente para aliviar e eliminar os sofrimentos de quem passa fome diariamente.

Mas há ainda algumas perguntas que nos fazem refletir e nos convidam a olhar com senso crítico os proponentes de soluções fáceis. É legítimo recorrer a todo o potencial dado pela manipulação genética ou é necessário estabelecer limites intransponíveis? Quais são os instrumentos normativos que os Governos devem introduzir para proteger o ambiente e a saúde de todos os seres vivos de possíveis consequências negativas devidas à utilização de organismos geneticamente modificados? E, enfim, é possível impedir que os Países em via de desenvolvimento, não sejam excluídos, ou danificados, pelos benefícios que os organismos geneticamente modificados poderiam trazer?

arcristaino@cgfma.org

TESTEMUNHAS DIGITAIS

Qual humanismo na cultura digital?

Lucy Roces

Em *Wall-E,* um filme de 2008 de Andrew Staton, os seres humanos sofreram um processo de involução patológica tornando-se de tal modo obesos a ponto de não poderem mais caminhar.

Não têm níveis de aspiração, passam os dias falando através dos vídeos-celulares e a ver programas na tela.

São totalmente dependentes da tecnologia. Perderam o contato com quem os rodeia e vivem uma vida privada de sentido e de humanidade. Mas em algum momento, quando o fluxo de dados entre dois cidadãos é interrompido, eles descobrem e se maravilham com o contato humano e com a beleza do mundo e das pessoas que, além do seu monitor, os rodeiam.

Enquanto alguns zombam dessa visão mais apocalíptica do futuro da humanidade, outros examinaram seriamente o impacto transformativo da cultura digital. Há algumas décadas atrás, o teórico da comunicação Marshal McLuhan já havia compreendido o efeito revolucionário dos meios de comunicação e num dos seus textos mais conhecidos *O meio è a mensagem,* escrevia: «Toda a mídia nos assalta inteiramente. Ela é tão penetrante nas suas consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais, a ponto de não deixar nenhuma parte de nós intacta, virgem, inalterada».

Jaron Lanier, um dos pioneiros da revolução digital sobretudo pelo seu papel no desenvolvimento da *virtual reality* (realidade virtual), é Membro do *McLuhan renaissance.* No seu manifesto cultural *Você não é um gadget,* Lanier ficou de dedo em riste contra as grandes mutações culturais e sociais do continente digital: tornamo-nos progressivamente prisioneiros das nossas próprias "extensões tecnológicas". Damos sempre mais credibilidade à concepção de que da rede emergiria um tipo de inteligência superior, de "sabedoria das massas interconectadas", uma ideologia que desvaloriza tanto a inteligência humana quanto o valor do indivíduo.

As reflexões de Lanier reevocam o desafio que McLuhan previa: o perigo de, ao prestar atenção à rede, esquecer a humanidade das pessoas reais.

Vá... eu tenho um povo numeroso naquela cidade

«Onde o homem vive e vê colocada à prova a sua humanidade, a Igreja não pode ficar ausente», afirma Monsenhor Cláudio Giuliodori – Presidente da Comissão Episcopal pela Cultura e Comunicações Sociais da CEI – em seu discurso no Convênio da Conferência Episcopal Italiana *Testemunhas digitais.*

A tarefa fundamental da Igreja é levar para cada contexto «uma visão plena e integral do homem segundo a sua identidade de ser chamado à comunhão com Deus e com os irmãos».

Uma pergunta: para qual humanismo nos impele o novo ambiente digital?

Giuliodoro afirma que a cultura digital caracteriza-se pela sua capacidade de gerar três tipos de humanismo. Entre estes, um *humanismo homogeneizado.* Com o coletivismo digital da Web 2.0, há o risco de se considerar a existência apenas em torno de um aspecto que absorve todos os demais ou os relativiza.

A nova percepção da relação límpida do espaço com o tempo determina um *humanismo de inclinação variável.* Tudo, o passado, o presente, o futuro, é dado em tempo real, e é sempre mais tremendamente virtual, relativo e transitório. A emoção de navegar, de conhecer e de ter contatos sem limites, pode fazer-nos esquecer o fato de que somos pessoas com uma história situada num tempo e num espaço preciso e com relações bem definidas.

Com a elevada capacidade de socialização das *redes sociais*, a pessoa pode isolar-se ou se esconder chegando ao cúmulo de alimentar uma segunda vida ou uma vida dupla. Por isso, «ocorre que todos trabalhem conscientemente para fazer com que o humanismo plasmado pela rede seja realmente integral e integrado. A rede pode contribuir para fazer crescer um humanismo capaz de reforçar e enriquecer as relações sociais e ao mesmo tempo ter o cuidado de cultivar a dimensão transcendente da existência humana, dimensão sem a qual nenhuma experiência pode ser ou se dizer autenticamente humana».

Todavia, diz Giuliodori, o mundo digital é habitado por pessoas que «estão em busca e manifestam suas dificuldades e esperanças». Por isso urge uma pastoral que não pare de usar linguagens e ferramentas digitais, mas que se torne presente na vida da sociedade digital, no interior dos processos de humanização que emergem para "encarnar" neles a visão evangélica do homem e do seu destino.

É a pessoa que deve ocupar a mente, como antídoto para não instrumentalizar as relações que se estabelecem em Rede. É o mesmo Bento XVI que nos lembra com insistência, na Mensagem

para a XLV Jornada Mundial das Comunicações Sociais que tem por tema: *Verdade, anúncio e autenticidade de vida na era digital*: «Quem é o meu "próximo" neste mundo novo? Existe o perigo de sermos menos presenças para aqueles que encontramos na rotina da vida diária? Existe o risco de sermos mais distraídos, porque nossa atenção está dispersa e absorta em um mundo "diferente" daquele no qual vivemos? Temos tempo para refletir criticamente sobre as nossas escolhas e para alimentar relacionamentos humanos que sejam verdadeiramente profundos e duradouros? É importante lembrar sempre que o contato virtual com as pessoas não pode e não deve substituir o contato humano direto, em todos os níveis de nossa vida».

«O significado e a finalidade dos meios de comunicação social são encontrados na Antropologia. Eles podem tornar-se *ocasião de humanização* sobretudo quando organizados e orientados à luz da pessoa e do bem comum, que refletem os valores universais. [...]
O humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano. É somente no encontro com Cristo, também na rede e no mundo digital, diz Giuliodori, que se pode descobrir e viver em plenitude a dignidade humana».

amministratoreweb@cgfma.org

DE PESSOA PARA PESSOA

Pontes de ondas radiofônicas

Anna Rita Cristaino

**Uma coisa é certa: eu, assim como muitos outros, continuaremos a falar.
Usarei a palavra como uma forma para partilhar, para consertar o mundo, para compreender (Roberto Saviano).**

Estou falando ao telefone com Ir. Paola, uma irmã comboniana que, há anos, está no Sudão. A voz é animada. O seu modo de falar, convincente. Acompanha o projeto da *Rede Social Católica de Rádio.* Ela foi para o Sudão Sul a fim de colocar sua experiência de jornalista ao serviço de uma rádio que estava apenas começando. Agora as rádios são oito. Estão espalhadas em todas as dioceses. Transmitem em inglês e árabe, mas usam muito as línguas das diversas etnias locais.

Convido-a para uma entrevista radiofônica, mas cai a linha. Ela grava e me envia as respostas. Pelo que diz demonstra uma grande paixão pelo seu trabalho e um amor imenso pelo povo do Sudão.

«Quanto à rede – diz ela – é uma sociedade reconciliada, arraigada nos valores humanos e cristãos e atenta à justiça, com especial atenção aos mais desfavorecidos: as mulheres e os jovens». Faz pouco tempo que o plebiscito foi concluído. O sim à separação do Sudão Sul, venceu. Agora, um País deve renascer! A rádio, em países com taxa alta de analfabetismo e onde a corrente elétrica não alcança todos os lugares, continua sendo o instrumento privilegiado para informar, educar e formar comunidade.

Durante as fases de preparação e de evolução do plebiscito, as Rádios da *Rede Social Católica de Rádio* ajudaram a população a participar ativa e responsavelmente das decisões tomadas. «O nosso serviço foi antes de tudo um serviço educativo – continua com convicção Ir. Paola – mas também um serviço ao diálogo para criar um fórum, onde as várias culturas e as várias etnias pudessem dialogar. É muito importante promover este sentido de coexistência pacífica em um ambiente tão militarizado, como está agora o Sudão Sul.

O novo Estado que está nascendo, com apenas 5 anos de experiência no setor de administração pública, não tem infraestrutura.

Nós prevemos que para os próximos anos a situação será particularmente difícil porquanto as expectativas da população são muito altas. Trata-se de construir uma nação que está nascendo. Penso, portanto, que o papel das estações de rádio será precisamente este: incentivar uma coexistência pacífica no Sul, através da educação e da informação. Devemos passar de uma mentalidade das armas, da lei, para uma mentalidade do diálogo».

O que resta desse encontro, um pouco ao vivo e um pouco protelado, é a consciência de que tudo pode ser utilizado ao serviço da missão.

O coração missionário é aquele coração que pulsa e que não encontra repouso, enquanto não estiver seguro de ter feito todo o possível para comunicar a todos a Boa Nova do Evangelho. Ir. Paola fala. Sente-se que a sua fala brota da vida. Está no meio do povo, partilhando com eles alegrias e dores, ansiedades e esperanças.

O seu trabalho é dar voz à vida do povo, às suas necessidades e desejos, aos seus sonhos e problemas reais.

Constrói pontes, favorece a integração, educa para ideais elevados como a paz e o diálogo. Faz cultura e a difunde.

A entrevista está pronta para ser exibida na Itália. As redes informáticas e as novas tecnologias estão envolvendo o mundo, tornando-o menor. Estou trabalhando em uma redação de radiojornal, como estagiária por dois meses. O trabalho prossegue ininterrupto. Muitíssimas informações e lançamentos de agências se sucedem a cada segundo na minha tela. Da minha mesa através daquela tela, chegam-me as vozes do mundo. Situações políticas, crônicas, emergências humanitárias, comentários e declarações. Digo a mim mesma: daqui eu posso sentir o pulso do planeta. Esta tela é a minha janela sobre o mundo.

Mas com o passar dos dias eu percebo a ilusão. A conversa com Ir. Paola é um despertar. Ela fala daquilo que vive, vê e sente como pessoa.

Diariamente dialoga, reflete, pesquisa a partir do seu povo, a partir do que vive.

A vida vivida e compartilhada, torna-se vida também para os outros. Diante daquele mar de informações corro o risco de me afogar. Preciso de uma rota. Preciso de uma orientação. A escolha pode ser difícil mas é determinante. Então, na redação proponho um critério.

Escute a voz dos mais afastados, dos menos ouvidos, dos mais marginalizados, dos que são desconsiderados. Volte sua atenção para os pobres, para aqueles cujos direitos não são reconhecidos, nem ouvidos

Fale de quem faz escolhas corajosas, de quem constrói pontes, de quem se doa totalmente porquanto os pequenos estão protegidos. Fale de quem defende a liberdade, a justiça, a verdade.

No mar de notícias que estou sulcando, encontra-se também aquela barca a partir da qual o Senhor aplaca os ventos e as águas. Naquele mar, pode-se sentir, como sopro leve, a BOA NOTÍCIA. Basta prestar atenção aos sussurros, às brisas leves. E ali as sementes do Reino continuam a dar fruto.

arcristaino@cgfma.oarg

VÍDEO ***por Mariolina Parentaler***

Bem-vindos ao Sul - de Luca Miniero – ItÁLIA 2010

É possível transformar uma comédia francesa sobre os estereótipos Sul-Norte em uma comédia italiana sobre os estereótipos Norte-SuL? «Sim, e com sucesso», responde unânime a voz da crítica, elogiando esta aplaudidíssima e divertida película. Em 1º de dezembro de 2010, na 33ª edição dos *Dias de Cinema Profissional em Sorrento*, a obra conquistou o Bilhete de Ouro por ter ficado em primeiro lugar no ranking dos filmes italianos, durante a temporada cinematográfica 2009-2010. Qual é o seu segredo? Com "Bem-vindos ao Sul" os dois

inteligentes campanos, o diretor Luca Miniero e o cenógrafo Massimo Gaudioso, marcam uma transposição cinematográfica que se aproxima da fotocópia de "Bem-vindo ao Norte" (conhecido campeão de 2009). As mesmas piadas, a mesma história e os mesmos eventos. Mas a aventura importada "na pátria" fica melhor do que o original de Oltralpe. Sua comédia parece querer secundar aquele desejo de entretenimento leve que toda plateia exige como necessidade quase fisiológica de rir, melhor ainda se – como neste caso – de modo inteligente. Em Vivilcinema, editado pela Federação Italiana Cinema d´Essai (FICE), Domenico Barone fala de «entretenimento elegante e modesto. Um exemplo de comédia social inteligente. Com toques e rabiscos humorísticos que retratam costumes, tiques e pequenas manias... Convido a não perder – conclui – a quem quer passar 100 minutos em 'inteligente e saudável alegria' ». Quanto ao conteúdo a obra poderia ser resumidamente definida como uma batalha eficaz contra os preconceitos ao som de risadas. Eis porque deve ser vista. Para rir de gosto com uma comédia coral voltada ao grande público, mas capaz de fazer refletir sobre o sentido do patriotismo, do amor, da amizade, para além e acima de todo preconceito.

Bem-vindos à estrada 'Salermo-Reggio Calabria'

A comédia italiana sempre alcança com argúcia e sucesso aquele repertório que finca suas raízes, em grande parte, nos lugares comuns da Itália. Sobretudo quando se trata de enfatizar os preconceitos que separam e rotulam as regiões do Norte e do Sul.

A história nos remete fielmente à do diretor francês Dany Boon, invertendo a orientação geográfica. Um empregado dos correios de uma cidade lombarda, Usmate, foi transferido por punição (fez-se passar por deficiente físico com o intuito de conquistar um lugar em Milão) é destinado à direção de um correio no centro de Salermo, em Castellabate.

Um pesadelo para ele, intolerante padano que, de Nápolis e das cercanias, apenas sabe três coisas: faz calor, o dialeto é indecifrável e a camorra está em toda parte.

Sobre estes arraigados preconceitos e sobre as incompreensões lingüísticas, o filme desenvolve uma progressão de cenas e de comicidades irresistíveis.

Cláudio Bisio – o cômico super consagrado primeiro na televisão e agora no cinema – é o ator que interpreta com sucesso o personagem protagonista: Alberto Colombo. Lombardo obstinado e cheio de preconceitos, faz rir desde que parte de Milão: deixa a mulher e se engarrafa na Salermo-Reggio Calábria vestindo um colete à prova de bala, levando consigo creme de proteção solar 50, e um pedaço de gorgonzola (pequena relíquia consoladora do seu mundo já perdido, no qual era de fato um membro da prestigiada "Academia da gorgonzola"). "Não é propriamente um bom início", faz-lhe notar o colega carteiro Matias (Alessandro Siani) que o acolhe de braços abertos – segundo outro estereótipo – como o novo diretor, oferecendo-lhe refeição diária, alojamento, gemada e salsichas no café da manhã!

Pouco a pouco ele o vai acompanhando para descobrir quanto seja esplêndida a terra em que chegou, lugar que fascina assim como sua população: jovial e amiga, sincera, solidária.

Assim, a história do "emigrante" passa progressivamente para o segundo plano com relação ao da amizade, tendo ao fundo uma paisagem encantadora em que Alberto descobre uma realidade e uma humanidade que nem mesmo podia imaginar.Também o tema do amor é elaborado com equilíbrio: conduz sobre dois trilhos paralelos a crise conjugal entre Alberto e sua mulher Sílvia, deixada lá, e a relação apaixonada entre Matias – o amigo colega – e Maria, uma autêntica beleza mediterrânea, bem interpretada por Valentina Lodovini.

A fórmula do filme na sua simplicidade é engenhosa: risos e sentimentos estão longe de serem descartados. Atestam que é necessário ter uma razoável sensibilidade para brincar com discriminações e preconceitos.

A comédia – tudo em bom ritmo – é uma história e não um catálogo de piadas. Brilhante e absolutamente para todos, demonstra que é ainda possível pensar numa comédia popular sem vulgaridade.

PARA REFLETIR

***A ideia do filme*: Demonstrar, divertindo, como em assunto de preconceito Norte/Sul e viceversa, o caminho da França para a Itália está longe de ser impossível!**

«Quando vi o original "Bem-vindo ao Norte", diz o autor numa entrevista, imediatamente disse a mim mesmo: mas por que não tivemos uma ideia assim? O dualismo entre Norte e Sul, os estereótipos, certos preconceitos são radicais em nossa sociedade mais ainda do que na sociedade francesa. Por outro lado, gostei da leveza dessa comédia inteligente e, decidindo repetir a operação, quis melhorar a comicidade caracterizando tudo à italiana»

Bem-vindos ao Sul é sem dúvida um filme irônico e autoirônico. Um filme que ri de si mesmo, que sabe rir sobre mussarela de búfala e gorgonzola, sobre a Salermo-Reggio Calabria, sobre os estereótipos dos quais nenhum de nós está livre. Um filme que, sem dar a impressão de ensinar, espalha agradavelmente um ensinamento salutar, sempre atual, independentemente de sua colocação geográfica.

O objetivo do filme: **Saber rir de si mesmo para aprender que – em todos os lugares – a receita para superar todos os estereótipos e preconceitos é o conhecimento recíproco.**

É inegável que os tradicionais estereótipos hoje soam agravados pelos slogans fundamentalistas, todavia o filme não pretende colocar-se e muito menos propor-se nessa luz. «A Liga dos Municípios – explicita Bisio com clareza – nasce para perseguir o estrangeiro. A nossa comédia, ao invés, zomba do desconhecimento recíproco, para convidar à abertura aos outros». Mesmo sem querer ser benfeitores a todo custo. Antes. *Bem-vindos ao Sul* – se repensamos – é um filme cheio de crueldade, mesmo com tantas risadas, próprio porque cheio de ignorância. A obra de Miniero não é uma resposta a Barbarossa (filme da Liga, de 2009, que o precedeu): Alberto, é um proto-Liguista, uma espécie de precursor, assim como sua mulher Sílvia (a excelente Ângela Finocchiaro). No sentido de que ele é 'ignorante' só porque ignora tudo sobre o Sul: nunca deixou a aldeia de sua Brianza. Ainda não abriu a mente e o coração aos horizontes do chamado mais urgente da contemporaneidade: a riqueza da convivência multicultural.

ESTANTE VÍDEOS *por Mariolina Parenteler*

ESTÃO TODOS BEM - *KIRK JONES – Estados Unidos – 2010*

"Real. Sobre a relação entre pais e filhos", é o título de um filme deixado na internet por um jovem de vinte anos: «O tema principal é a verdade/mentira que frequentemente está presente na vida cotidiana de todos nós. Robert de Niro é o intérprete ideal para transformar um filme de "normal" a "único", tornando tangíveis os sentimentos e as preocupações que um pai pode ter pelos próprios filhos, aos quais tem uma única pergunta a fazer: "Vocês são felizes?" É uma interessante e agradável produção centrada sobre o 'seu' paradoxal e conclusivo crescimento interior». A história é um relato sobre Frank Goode, um ex-operário aposentado e viúvo há 8 meses, que constata ter passado pouco tempo com os seus filhos já adultos, colocados em diferentes lugares dos Estados Unidos. Perto do Natal deseja reuni-los pelo menos num fim-de-semana. Os quatro, por motivos diferentes, recusam o convite. Não lhe resta portanto outra escolha a não ser viajar para encontrá-los. Parte com a intenção de reforçar ou de restabelecer relações enfraquecidas ou perdidas no tempo, pensa em revê-los, um a um, fazendo-lhes surpresa. Mas a surpresa infelizmente será sua. Descobrirá que a situação em que se encontram é muito mais dramática do que aquela que conhece, referida pela mulher, em vida. Cada um, habituado durante anos a relacionar-se com os pais de maneira diferente – porque "A mãe sabia escutar, enquanto você sabia falar" – continua a esconder-lhe os próprios sofrimentos, para protegê-lo das más notícias e deixá-lo tranqüilo. Voltando para casa depois de um ataque cardíaco, programa outro encontro, e desta vez o espírito de família, que é mais forte do que tudo, triunfa. Simples e suave, o filme tem momentos de intensa e autêntica comoção que sabem deixar sua marca sem cair na retórica e na banalização. Benéfico para todos.

UMA ILIMITADA JUVENTUDE - *PUPI AVATI – Itália – 2010*

O diretor Pupi Avati voltou às salas com um filme dramático e lírico ao mesmo tempo. É a história de um casal não mais jovem. Ambos profissionalmente estabelecidos, foram casados por 25 anos. Lino (Fabrizio Bentivoglio) é um conhecido jornalista esportivo do Mensageiro, e Quicca a mulher (Francesca Neri), professora de Filologia medieval na Gregoriana. Um belo casal, sereno, com a única amargura de não ter tido filhos. Improvisamente encontra-se desestabilizado: ele começa a apresentar os primeiros sintomas do Alzheimer. A implacável e impiedosa doença degenerativa, o assalta. Mas ela, apesar de angustiada e se sentindo desamparada, decide ficar ao seu lado. Sua fidelidade ao amor evolui dia por dia e passa da relação de casal à de ternura e 'maternidade'. Ainda é incapaz de impedir o seu afastamento e o seu destino final. O protagonista, arrasado pelo mal, para surpresa de todos retrocede à infância. Através de contínuos flashbacks, vive na sua memória uma segunda adolescência que, estranhamente é relatada pela voz

narradora de Quicca, o que surpreende e interroga. Mas o voo rasante acontece quando se percebe que o plano da lembrança representa uma espécie de metáfora que envolve a história toda: é para a infância, mágica e distante, que Lino está deslizando sempre mais e à qual, mesmo desejando, ela não conseguirá segui-lo. Portanto, uma forma poética de relatar a doença, mas também a história de quem não pode acompanhar a pessoa que ama.

A parte final, fecha com perfeição o círculo com uma promessa sussurrada de eterna juventude que confirma as notas nostálgicas e pungentes do filme inteiro, insistentemente evidenciadas pela música do violino. A obra faz pensar.

ESTANTE LIVROS *por Adriana Nepi*

RELATOS DE UM PEREGRINO RUSSO - Anônimo

Este conhecidíssimo e encantador livro tem o candor de um conto de fadas e a estatura de um tratado espiritual, e seria uma pena se um de nós ainda não tivesse se deparado com ele. Quem é o autor? É realmente o camponês anônimo que, partindo peregrino de uma aldeia afastada e passando pelo monte Athos, teria contado sua vida e sua viagem a um *starets,* o qual lhe teria pedido para escrevê-las? O que nos interessa é a beleza dessa obra singular, sua pureza cristalina, o sentimento de benevolência universal que invade cada evento, alegre ou dramático, vivido pelo peregrino. A oração do Nome (Senhor Jesus Cristo Filho de Deus, tem piedade de mim) do qual ele obteve com paciente docilidade encontrar a chave e que o acompanha como uma melodia de secreta felicidade, transfigura cada coisa: as paisagens doces e monótonas dos campos russos, as coisas, os animais, as pessoas, é uma proteção invisível de qualquer mal, é revelação sempre nova da natureza, é um reencontro com a inocência da criação. No alforje do piedoso andarilho: a Bíblia, um rosário muito simples e um velho Livro de orações são a sua única riqueza. Ao longo do calmo e libérrimo caminhar há toda uma série de encontros. Basta um leve e quase imperceptível movimento dos lábios na invocação incessante para revelar o querido segredo que une pessoas estranhas de todas as condições para criar momentos de intimidade e de amizade: desde o rude militar que encontrou na oração a força para dominar a si mesmo, até o cavalheiro hospitaleiro que não desdenha inclinar-se para enfaixar os pés cansados e empoeirados do peregrino, no qual vê Cristo. Então, o livro não é apenas a fascinante aventura de uma experiência solitária, mas deixa entrever o grande segredo espiritual do Oriente cristão (ou da alma russa?).

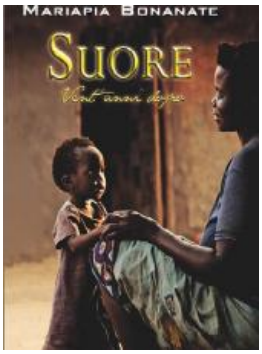
CARTAS A UM AMIGO SOBRE A VIDA ESPIRITUAL - Enzo Bianchi - Ed. Qiqajon 2010

É uma coleção de textos publicados na revista católica francesa *Panorama:* cartas a um jovem que pede para ser orientado sobre o sentido da vida. Não quer ser um modelo de acompanhamento juvenil, pois uma correspondência epistolar não permite aquele relacionamento vivo e imediato, aquele face-a-face que revela sentimentos e reações. Mas também o acompanhamento não pode deixar de exigir uma resposta a dúvidas, preconceitos, mal-entendidos que muitas vezes fazem parte da bagagem mental de um jovem. O livro pode então ser útil tanto ao educador como ao jovem que coloca questões fundamentais sérias.

O que significa procurar Deus? O que é a vida interior? Como e por que rezar? O que é a humildade? Cada pequeno capítulo do livro responde às perguntas do jovem interlocutor. E são respostas que não hesitam em evidenciar as exigências da vida cristã, que é luta e fadiga, mas ao mesmo tempo inspiradas numa visão plena de otimismo sobre a vocação do homem: à felicidade e à beleza. A vida de Jesus, assim como a mostram os evangelhos, foi uma vida boa, bonita e feliz, mesmo se sobre ela se perfila a sombra dolorosa da cruz... A sua existência de homem pobre foi sempre cheia de dignidade, nunca afetada por mesquinharias... Conheceu a alegria da partilha, o conforto da amizade, a beleza da criação. A correspondência fecha-se sobre a última pergunta: quem são os santos? Tornar-se santo, conclui o autor, significa tornar-se plenamente homem: caminhar no seguimento de Jesus que, vivendo plenamente a nossa vida humana, mostrou-nos o caminho da santidade.

O LIVRO

As Irmãs



por Adriana Nepi

Percorrendo a produção literária de Maria Pia Bonanate, jornalista afamada, nota-se particular atenção ao mundo feminino, incluindo aquele planeta pouco conhecido que é a vida das Irmãs: procurou-as nos lugares e nas situações mais diversas, entabulou com elas profundas amizades. Aqui... ela as apresenta ao grande público. Quem são as Irmãs? Há pessoas que toleram ou apreciam as de vida ativa, enquanto acham incompreensível e parasitária a presença das enclausuradas. Para estas o livro mostra concretamente que tanto as Irmãs de vida ativa quanto as enclausuradas são antes de tudo: mulheres "realizadas"e, às vezes, excepcionais.

A nós que pertencemos à "firma premiada" , o que pode oferecer esta leitura? Cada uma de nós conhece a história da própria vocação, vive suas alegrias íntimas , experimenta a dificuldade e a beleza de caminhar sempre na subida... No entanto, também para aquelas que já são Irmãs, o livro oferece matéria útil para refletir e curtir: uma curtição que nada tem de triunfalista (já fomos vacinadas contra esta fraqueza infantil), trata-se da alegria de contemplar as grandes obras de Deus, sua fantasia inesgotável ao chamar para si "aqueles e aquelas que Ele quer", ao conduzir por caminhos às vezes ásperos mas sempre fecundos os que se abandonam inteiramente a Ele. Na vasta panorâmica que se nos descortina, é difícil escolher, exemplificar, sintetizar (o que, aliás, soube fazer Dada Maraini em um bonito e amplo prefácio). Todavia, em meio a tanta variedade de caracteres e de itinerários, escolhemos algumas constantes.

Descobre-se em primeiro lugar que em cada chamado há sempre alguma coisa que se recusa a ser decifrada, há algo que foge aos nossos "por quê?" e que pertence ao segredo de Deus. Além disso, é verdade que uma Irmã que vive fielmente a própria vocação, além de ser uma mulher realizada, pode tornar-se uma mulher excepcional e até famosa. Isso, porém, não comporta qualquer diferença substancial entre a história de tantas religiosas humildes que talvez tenham consumado a vida na monotonia diária de uma cozinha ou de uma lavanderia e a história de outras que, sem pretensão nenhuma, chegaram a fazer falar de si um país inteiro ou mesmo o mundo. A fecundidade de certas existências extraordinárias brotou de uma longa penitência, de uma abnegação radical.

Rita Petrozzi, a futura Ir. Elvira, jamais havia pensado em ser Irmã. Era uma menina bonita e vivaz, que gostava de dançar, esquiar, andar de moto, praticar os desafios do alpinismo.

Entre os muitos admiradores havia escolhido um: um bom rapaz, com um futuro seguro.

Já se falava em matrimônio... Não sabe explicar – diz ela – como aconteceu: precisamente num momento de terna intimidade, enquanto juntos programavam a montagem de sua casa e a educação dos filhos, sua alegre disposição de espírito passou, de repente, para uma estranha inquietação, para uma súbita sensação de alheamento da realidade, para uma sensação de infinito que de repente encolhia todos os projetos que juntos estavam fazendo... E ela sentiu medo. Pediu um tempo, encontrou compreensão no bom rapaz que a amava, tirou dez dias de férias para fazer um retiro e... acabou fazendo-se Irmã.

Ela escolheu, um pouco por acaso, um pouco por propensão própria, uma congregação dedicada aos pobres e aos doentes, para ocupar-se com os últimos. Os inícios não foram fáceis: senti a dura fadiga de aceitar observâncias um tanto superadas pelo tempo, assumir comportamentos dos quais não compreendia a lógica, mas, declara ela mesma, "esta terapia de choque sobre o meu orgulho, sobre a minha independência, sobre as minhas qualidades humanas, provocou uma progressiva espoliação de mim mesma, um permanente revestimento apenas das coisas essenciais. «E depois – disse – um pouco de jejum, um pouco de penitência devolve o gosto pelas coisas e pela vida».

Tendo professado, Ir. Elvira foi destinada à cozinha onde ficou por quinze anos quase sem sair do porão insalubre em que trabalhava, até que uma doença obrigou-a a trocar de serviço. Foi orientada a diplomar-se como professora e passou a lecionar numa escola materna. Sempre havia amado os pobres, dedicava a eles o seu tempo livre, mas só depois de vinte e cinco anos de vida religiosa, e sempre no sulco da obediência, os caminhos se lhe abriram rumo àquela que teria sido a sua missão.

Trata-se de uma história um pouco semelhante à de Madre Teresa de Calcutá... Obteve a licença de deixar o Instituto e de abrir uma casa para os pobres, junto com duas voluntárias. Jamais havia pensado em ocupar-se com drogados, mas foram dois rapazes toxicodependentes que por primeiro bateram à porta da

casa em ruínas, que lhe tinha sido oferecida pela Prefeitura. Foi o início de um verdadeiro milagre. Sem ter contas-corrente nem depósitos, vivendo dia por dia e dando a quem precisasse aquilo que sobrava do que gastava para sobreviver. Foi a loucura de quem ousa tomar ao pé da letra as promessas do Evangelho, quase uma provocação à Providência... mas, parece que Deus gosta de tais provocações. E se fosse este, para todos, o caminho a ser enfrentado com coragem? Hoje o Cenáculo (o nome assumido pela Obra) tornou-se uma multinacional do amor, com sessenta e duas Fraternidades espalhadas em dezessete Países do mundo.

O livro apresenta muitas figuras bonitas como esta, que não existiriam para reconhecer plenamente que a mulher tem sido um sucesso; é todavia mérito da autora ter revelado que certas Irmãs "famosas" assim se tornaram não certamente por terem aspirado a uma realização individual, mas pela radicalidade com que saíram de si mesmas por amor a Deus e aos mais "pequeninos" entre os irmãos.

CARTAS DE UMA AMIGA

Diga pra alguém que eu estou aqui

Nossa reflexão desta vez parte de uma frase tirada da carta de uma FMA, que dá voz talvez a tantos silêncios e a tantas solidões incríveis:

... *Muitos são os motivos de sofrimento que persistem, agravados às vezes pela sensação de "não existir" aos olhos dos outros.*

Todos nós temos uma necessidade irreprimível: existir para alguém, pertencer a alguém que nos ame! Encontramos este mesmo desejo ardente no relato de um médico do hospital pediátrico de Manágua:

Numa vigília de Natal ficou trabalhando até tarde. Quando Fernando se decidiu a ir para casa onde o esperavam para a festa, deu um último giro pelos corredores para ver se tudo estava em ordem e, de repente, ouviu um leve rumor de passos atrás. Passinhos de algodão. Voltou-se e viu que um dos pacientes menores o seguia. Reconheceu-o na penumbra, era um menino que não tinha ninguém por ele. Fernando reconheceu aquele rosto já marcado pela morte e os olhos que pediam desculpa, ou talvez permissão... Fernando aproximou-se dele e o menino tocou-o com a mão: "Diga..." sussurrou. "Diga pra alguém que eu estou aqui". (Do III livro dos abraços, de Eduardo Galeano)

Quantas solidões, reais ou subjetivas e psíquicas, tornam amargos e um pouco pesados os nossos dias. Gostaríamos de pertencer a comunidades em primeiro lugar humanas. Capazes de calor humano, de gentileza, de atenção. Ao invés, frequentemente temos a sensação de que com o passar dos anos não existimos mais para ninguém...

Quem cuidará do nosso coração? Quem tomará conhecimento de nós? Quem terá para nós hoje um olhar de amor? Quantas vezes teríamos vontade de dizer a alguém: *Diga pra diretora que eu estou aqui...*

Mas, que sentido poderia ter uma vida de pesar e de lamentos? Continuar a dizer que não somos de ninguém, se fosse humanamente verdadeiro, que testemunho seria? Somos de Deus! Guardião e bom pastor. Somos vidas no seguimento de Jesus, que disse: AMAI-VOS. Cada um ame o outro! O verdadeiro drama não é ser esquecido. O verdadeiro drama é esquecer.

"Os pobres, vós sempre os tereis convosco". Talvez aquela diretora, aquela pessoa pela qual você se sente "não existir" tenham a necessidade de que você as ame. Que você semeie em seus caminhos camadas de compaixão e de humildade. Diante de cada rosto e de cada vida pensar: *"Eu disse ao meu coração que você está aqui..."*

Sua amiga

NO PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ: *Testemunhas da escuta*

PRIMEIRO PLANO: *Passo a passo* **Caminhar com segurança. S. Teresa d´Ávila**

EM BUSCA: *Pastoralmente* **Qual educação ao amor hoje?**

COMUNICAR: *Testemunhas digitais* **Qual anúncio no tempo da conexão?**

A ÁGUA PENETRAVA NOS SAPATOS
E AS ESTRELAS NA ALMA.
(Victor Hugo)

NA TUA PALAVRA

PAI NOSSO
QUE ESTAIS NOS CÉUS...

(Mateus 6,9)